

com
A Escola de Aperfeiçoamento de Professores ~~de~~ D. Helena Antipoff.

Corria o ano de 1928. Governava Minas Gerais o grande Presidente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, estadista de larga visão, que escolheu seus colaboradores entre os mais capacitados e estabeleceu com uma das principais metas do seu governo, a reforma do ensino.

Ele estava convencido de que "Se a escola é o professor e o professor é a escola, renovar o professor é renovar a própria escola", como disse mais tarde D. Helena Antipoff. Por isto, criou a Escola de Aperfeiçoamento de Professores, que começou a funcionar em 1929.

Para a Secretaria do Interior que, naquela época era também responsável pela Educação, foi nomeado o Dr. Francisco Luiz da Silva Campos, que o povo, na sua "apropriada" irreverência, chamava de Chico Ciência ou Chico Sabença.

Para Diretor Geral da Instrução foi escolhido o Dr. Mario Casassanta que *den* amanhava nos Grupos Escolares, entrando sempre pelas portas dos fundos, surpreendendo as Diretoras e Professoras, já nas salas de aula, ou conversando com as serventes nos corredores.

Ele queria conhecer de perto a realidade do ensino em Minas Gerais para melhor colaborar com a implantação da reforma planejada pelo Governo do Estado.

Belo Horizonte era então uma cidade pequena, com aproximadamente 200.000 habitantes, tranquila, servida por bondes vagarosos, sem ônibus, com poucos automóveis, e foi "invadida" por um numeroso grupo de professoras, vindas de vários pontos do Estado. Muitas eram jovens, algumas *muito* bonitas, que tinham sido "misses" em suas cidades, outras mais maduras, mães de família e até avós, todas ansiosas por entender melhor porque e para que foram convocadas pelo Governo.

As explicações vieram logo. Escolhidas como capacitadas e dedicadas professoras do interior do Estado, foram convocadas para, juntamente com algumas colegas da Capital, frequentarem a Escola de Aperfeiçoamento de Professores, recentemente criada, onde seriam chamadas de Professoras-alunas. Terminado o curso voltariam para suas escolas como Orientadoras Técnicas, encarregadas de colocar em prática e transmitir às colegas o que aprenderam em dois anos de estudo.

Elas moravam em Pensões, andavam em grupos, usavam grandes boinas vermelhas, azuis-marinho, ou chapéus de feltro porque, naquela época, nenhuma mulher saía à rua sem chapéu. E provocavam alvoroço na cidade, motivando até o jornalista Moacir Andrade a escrever um romance a que deu o nome de República Decroly, cuja principal personagem era uma professora do interior que frequentava o "Pedagogium".

O livro fez sucesso, vendeu muito, apesar de tentativas para impedir sua comercialização.

O currículo da Escola de Aperfeiçoamento de Professores era constituído das seguintes disciplinas; Metodologia Geral, Metodologia da Língua Pátria, Metodologia da Aritmética, Metodologia das Ciências Naturais, da Geografia e da História, Pedagogia e Psicologia, Socialização, Desenho e Modelagem, e Educação Física.

O Corpo Docente, a princípio, era formado pelas Professoras: Amélia de Castro Monteiro, Alda Lodi, Lúcia Schmidt Monteiro de Castro (depois Lúcia Monteiro Casassanta), que havia-se preparado na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, Maria Luíza de Almeida Cunha, Guiomar Meireles, Renato Andrade e completado por Professores estrangeiros Leon Walther, Madame Arthus Perrelet, sendo indicado para primeiro Diretor o Dr. Lúcio dos Santos, que foi substituído pela Professora Amélia de Castro Monteiro.

O Secretário era Antônio Orsini.

Leon Walter e Madame Arthus Perrelet foram substituídos respectivamente pelas Professoras Helena Antipoff e Jeanne Milde, que ficaram conosco, sendo que a última ainda encanta os mineiros com a sua arte.

Assim começou a funcionar a Escola de Aperfeiçoamento de Professores que mais tarde, frequentada também por professoras de outros Estados, exerceu neles uma grande influência e Belo Horizonte, naquela época, foi considerada a Capital Pedagógica do país.

O horário de funcionamento era longo e obedecido com rigor - de 7 horas da manhã às 5 da tarde, de segunda-feira a sábado.

Nos sábados à tarde havia uma Reunião Social, quando era servido chá com limão, torradas e biscoitinhos.

Do programa constavam números de música, canto, brincadeiras diversas e, obrigatoriamente, palestra sobre uma cidade mineira, proferida por umas das professoras-alunas.

Assistência às aulas, estudo, leitura de vários livros, trabalhos que tinham que ser apresentados dentro dos prazos marcados, ocupavam todo o tempo das professoras-alunas.

As que moravam em Pensões pediram à Diretora da Escola que as aulas terminassem uma hora mais cedo, porque quando chegavam em casa não encontravam água quente para banho.

O pedido foi negado. Então aconteceu um fato que contrariou muito D. Amélia. Algumas professoras-alunas, burlando a vigilância do "Seu Paulino", o porteiro, saíram antes do término das aulas e foram ao Palácio da Liberdade. Atendidas pelo Chefe do Gabinete disseram que não tinham audiência marcada mas, precisavam muito falar com o Presidente, que, ao tomar conhecimento do assunto, disse: mandem entrar, professora não precisa marcar audiência para falar comigo.

Como os tempos mudaram!

Elas reclamaram do horário da Escola, repetindo o que já haviam dito à Diretora, isto é, chegavam muito tarde nas Pensões onde moravam e não encontravam água quente para tomar banho.

Para completar o Corpo Docente da Escola, onde faltava um professor de Pedagogia e Psicologia, o Governo de Minas Gerais enviou o Dr. Alberto Alvares à Genebra, na Suíça, para contratar Madame Helena Antipoff, assistente de Edourd Claparede no Instituto Jean Jaques Rousseau, para trabalhar dois anos no Brasil como professora de uma escola, recentemente criada.

D. Helena ficou animada com o convite mas, como tinha compromissos de trabalho assumidos com Claparede, que não gostou da ideia de liberá-la, não aceitou o convite e indicou o colega Leon Walter para substituí-la. Ele veio para o Brasil, mas ficou pouco tempo.

Era necessário encontrar outro professor para a Escola de Aperfeiçoamento.

O Dr. Alberto Alvares voltou a insistir com Madame Helena Antipoff que, depois de consultar Claparede, resolveu vir para Belo Horizonte.

Assinou um contrato, por dois anos, recebendo uma quantia equivalente a Cr\$ 20.000,00 mensais, de acordo com informação de seu filho Daniel.

E foi assim que a Escola de Aperfeiçoamento enriqueceu seu Corpo Docente com Madame Helena Antipoff, russa de nascimento, mais tarde D. Helena, brasileira por opção e pelo desejo de todos nós que aprendemos a admirá-la, respeitá-la e amá-la pelas suas excepcionais qualidades de inteligência, cultura, capacidade de realização e principalmente pela sua bondade e solidariedade para com crianças e jovens menos protegidos pela sorte.

D. Helena viajou para o Brasil no Transatlântico italiano 'Júlio Cesar' e desembarcou em Santos onde era esperada por Leon Walter, Lourenço Filho e Hoemy Silveira Rudolf.

Alguns anos depois ela nos contou que, se não me engano, em Recife, teve permissão para dar um passeio pela cidade, onde encontrou três meninos: um muito claro, louro de olhos azuis, um mulato e outro pretinho. Brincavam juntos, riam e até abraçavam o pretinho.

Então ela sorriu para eles e pensou: este é um país civilizado, não tem discriminação racial.

D. Helena começou a trabalhar na Escola de Aperfeiçoamento, em agosto de 1929, dando aulas em francês, muito bem planejadas e motivadas, que despertavam grande interesse nas professoras-alunas.

Enquanto aguardava a chegada dos aparelhos comprados na Europa para instalar o Laboratório de Psicologia, aprendia rapidamente o português, tomando aulas com o professor Lourenço de Oliveira, ouvindo muito, e ensaiando as primeiras palavras da nossa língua. A maior dificuldade que ela encontrava era na acentuação das palavras. Durante bastante tempo falou imbecil em vez de imbecil.

Logo depois começou a dar aulas em português, apesar das professoras-alunas lhe pedirem para continuar com o francês, porque assim iam se familiarizando com a língua.

D. Helena respondeu que precisava muito mais aprender o português que elas o

balhara com Claparede no Instituto Jean Jacques Rousseau, na Suíça, e parecia ter raio X no olhar.

Eramos quase todas jovens professoras, um tanto afoitas, curiosas, desconfiadas, atraídas pela personalidade da estrangeira, de sotaque carregado e completamente avessa a falar de si mesma.

Todas as aulas de D.Helena eram muito bem planejadas, motivadas, ricas em conteúdo. Assim ela conseguia manter o interesse, a atenção, e exigia esforço e trabalho. De uma delas, não me esqueço. Antes de iniciar o estudo sobre inteligência, resolveu fazer uma experiência para demonstrar a diferença entre duas crianças, uma excepcionalmente bem dotada, e outra muito retardada.

Para a experiência chamou um aluno das Classes anexas à Escola de Aperfeiçoamento, considerado muito inteligente e outro do Instituto Pestalozzi, muito retardado. E aplicou-lhes testes de inteligência verbal e espacial.

O resultado não foi o esperado pela mestra: o inteligente confirmou sua fama no teste de inteligência verbal, mas fracassou lamentavelmente no teste de inteligência espacial. O outro, que deveria fracassar em ambos, saiu-se muito bem nos testes de inteligência espacial, apesar do fracasso na prova de capacidade verbal.

O resultado teria certamente inibido qualquer demonstradora de menos recursos didáticos.

D.Helena, ao contrário, tirou grande partido da demonstração e, após ter confessado que, por momentos ficara um tanto perturbada ao sentir seu plano de aula prejudicado, nos deu uma brilhante lição sobre as várias formas de inteligência, salientando que aquela criança retardada poderia chegar a ser um ajudante de mecânica, tão útil e necessário como um juiz ou um diplomata, cada um em seu devido lugar e produzindo de acordo com seus interesses, aptidões e capacidades.

Cabe ao educador descobrir o tipo de inteligência de cada aluno e encaminhá-lo no rumo certo.

A inteligência é uma faculdade muito complexa e pode até ter picos e abismos.

Em outra turma, a mestra, para motivar o estudo da inteligência, fez a cada uma das professoras-alunas a pergunta: que é inteligência?

E foi anotando as respostas.

Depois leu uma série de definições de inteligência, e os nomes de seus respectivos autores, para concluir que uma faculdade tão complexa como a inteligência é muito difícil de ser bem definida.

Antes de iniciar o estudo do julgamento colocou na parede da sala de aula um quadro e pediu que ele fosse observado com muita atenção.

Depois de retirar o quadro, ela entregou a cada professora-aluna um

haver, no quadro, um sequer.

Depois as professoras-alunas foram encaminhadas, duas a duas, para uma outra sala onde, em cima de uma mesa, havia uma miniatura de jangada cearense, com um pano embebido em tinta vermelha.

Ao lado, uma folha de papel com a trágica estória do jangadeiro que havia perdido a filha e guardava suas roupas manchadas de sangue.

Cada uma recebeu novo questionário e algumas respostas foram tão disparatadas que provocaram risadas, apesar de se tratar de um acontecimento tão triste.

Em seguida D. Helena contou que Claparede, para mostrar como pode ser falho o julgamento humano, certo dia em que discutia o assunto com um grupo de alunos, teve a sala de aula invadida por supostos policiais que provocaram um grande alvoroço, derrubando mesas e cadeiras, ameaçando o mestre e seus discípulos.

Depois que cada um fez seu depoimento sobre o que havia acontecido, com grande diferenças e contradições, Claparede esclareceu que tudo fora preparado por ele para mostrar como é difícil e até perigoso julgar.

(E nós poderíamos acrescentar as palavras de Cristo: não julgueis e assim não sereis julgados)

D. Helena continuou dando uma aula tão rica que, entusiasmada, uma professora-aluna lhe perguntou se ela pretendia escrever um Tratado de Psicologia.

Não me lembro exatamente de suas palavras, mas guardei bem o que elas queriam dizer. Escrever um livro de Psicologia não é muito difícil.

Basta reunir os melhores tratados sobre o assunto e aproveitar o que de melhor houver em cada um deles. Mas isto não é importante. Importante seria experimentar, pesquisar, discutir, colher muitos dados, estudá-los e tirar conclusões próprias, para então publicar.

D. Helena não nos deixou um tratado de Psicologia mas publicou muita coisa importante em revistas, arquivos, boletins, etc.

Felizmente agora seus trabalhos foram reunidos e publicados, para conhecimento de todos, principalmente dos mais novos que não tiveram a ventura de conhecê-la, ouvi-la e trabalhar com ela.

Em 1930 D. Helena teve a satisfação de receber a tão esperada visita de Edouard Claparede, que ficou hospedado no Grande Hotel.

Mas não foi muito feliz para Claparede a permanência em Belo Horizonte, porque começou a chamada Revolução de 1930 e ele ficava muito assustado com o sibilar das balas atiradas pelos soldados do 12º RI.

A Escola de Aperfeiçoamento funcionava em um grande Prédio na Avenida Paraopeba 1549, perto do 12º RI.

Atualmente a Avenida se chama Augusto de Lima e no referido prédio, está instalado o Fórum Lafaiete.

11201076

D.Alda Lodi, uma extraordinária professora de Metodologia Geral e Metodologia da Aritmética, pediu às professoras-alunas seus planos de aulas, para estudo.

O prazo já estava se esgotando e uma delas não havia ainda recebido os planos de aulas que havia solicitado à Diretora do Grupo Escolar onde lecionava.

Por isso passou para ela um telegrama assim redigido: mande planos urgente.

De madrugada a policia bateu à porta da Pensão, procurando a signatária do telegrama para saber quais eram os planos.

Por mais que a Professora explicasse, a policia não se deu por satisfeita. E foi necessária a presença da Diretora da Escola de Aperfeiçoamento, D.Amelia de Castro Monteiro e da Professora D.Alda Lodi para que as explicações fossem aceitas.

Organizado o Laboratório de Psicologia, D.Helena iniciou o preparo das professoras-alunas para a aplicação de testes, coleta de dados, experiências diversas.

Ela apresentava o material necessário, explicava qual a finalidade do teste ou experiência, insistindo sempre na rigorosa obediência às instruções, cronometragem correta dos tempos de duração, padronização dos resultados de acordo com critérios estabelecidos, etc.

Depois a Mestra aplicava o teste em uma criança ou, conforme o caso, em uma professora-aluna, com assistência discreta da turma.

D.Helena colhia muitos dados relativos às professoras-alunas, através de testes, questionários, experiências, conversas.

Todo o material era por ela estudado e colecionado em pastas individuais, juntamente com fichas onde a Mestra fazia anotações.

Diplomada a primeira turma da Escola de Aperfeiçoamento, D.Helena convidou algumas Orientadoras Técnicas, título que as professoras-alunas recebiam depois de formadas, para Auxiliares do Laboratório de Psicologia, aumentando seu número e fazendo substituições, a medida que outras concluíam o curso.

Maria Angelica de Castro, Helena Paladini, Zilda Assunção, Naytres Rezende, Haydee de Castro, Irene Lustosa, Márcia Morais, Maria Augusta Cunha Francisco, foram dedicadas e eficientes auxiliares de D.Helena, cujos nomes me recordo, pedindo desculpas por possíveis erros ou omissões.

Orientadas por D.Helena, as Auxiliares do Laboratório trabalhavam muito, pesquisando, experimentando, aplicando testes, apurando resultados e colaborando no preparo de publicações nos Boletins de Secretaria de Educação e Saúde Pública, entre eles: Ortopedia Mental e Homogeneização das Classes Escolares (Boletim nº 14), Infância Excepcional (Boletim nº 16), Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte (Boletim nº 6), Desenvolvimento Físico e Psíquico das Crianças e adolescentes (Boletim nº 20), etc.

As outras professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento voltaram

1915/16

prática e transmissão do conhecimento.
Aperfeiçoamento, recebendo material, instruções, participando de trabalhos.

Podemos dizer que foram elas que realmente renovaram o ensino em Minas.

Um dos primeiros trabalhos das Orientadoras Técnicas foi a homogeneização das classes escolares, considerada muito necessária para o desempenho das professoras e melhor aproveitamento dos alunos, e foi iniciada em 1931.

Como primeira medida foi feita a separação dos novatos dos repetentes.

Para a organização das classes de 2º, 3º e 4º anos, foram aproveitadas as notas obtidas no ano anterior.

Quanto às classes do 1º ano escolar, a homogeneização foi feita de acordo com os resultados dos testes de inteligência geral, expressos em Quocientes Intelectuais, considerados como melhores do que simplesmente a idade mental.

Entretanto surgiu uma séria dificuldade, para o cálculo do Q.I., porque, na época, não era exigida a certidão do Registro Civil para a matrícula nas escolas públicas e os pais nem sempre informavam corretamente a idade das crianças.

D. Helena agiu junto ao Secretário da Educação e Saúde Pública Dr. Noraldino Lima e conseguiu que o Presidente do Estado Dr. Olegário Maciel assinasse o Decreto nº 10.133, tornando obrigatória a apresentação de certidão de Registro Civil, fornecida gratuitamente pelos Cartórios, para a matrícula nas escolas públicas.

Considerando que os resultados dos testes de nível mental nem sempre dão diagnósticos inteiramente exatos e precisos para a organização de classes homogêneas, eles serviram para uma classificação provisória.

As professoras teriam que acompanhar, através de observações metódicas, o desenvolvimento dos alunos para até mesmo propor a mudança de classe daqueles que não estivessem bem colocados.

Mas, como as professoras nem sempre são boas observadoras, segundo D. Helena, o Laboratório de Psicologia preparou uma Folha de Observação para as crianças do 1º ano, que deveria ser individual e preenchida pelas professoras durante os três primeiros meses de escolaridade. (Cópia em anexo)

As classes de 1º ano passaram a ser denominadas de A, B, C, D, de acordo com o Q.I. dos alunos.

Nas classes D ou especiais, os alunos recebiam um tratamento, tanto quanto possível individualizado, e os programas e métodos eram adaptados às necessidades do ensino, não obedecendo a normas preestabelecidas.

Além da escolaridade propriamente dita, havia muitas atividades como canto, ginástica, trabalhos manuais, desenho, educação dos sentidos e da atenção, jardinagem, variados e frequentes exercícios de ortopedia mental.

Naquela época, chamar uma pessoa de D. era considerado insulto grave.

O Laboratório de Psicologia acompanhava o trabalho das Orientadoras Técnicas e das professoras das classes D ou especiais, em reuniões onde eram discutidos os problemas, as dificuldades, os fracassos e os sucessos.

E cresciam as preocupações de D. Helena com a necessidade de ser dada mais

JL

rubrica

do a chamar todas elas de excepcionais, termos pejorativos.

E, foi para os excepcionais que D.Helena planejou e executou as grandes obras que nos legou.

Tendo em vista que a educação como direito de todos é um princípio de justiça, o direito de cada um ter uma educação de acordo com suas possibilidades, aptidões, ~~interesses~~ ^{interesses}, é princípio de maior justiça.

Foi o que nos ensinou D.helena. E não apenas pregou. Realizou mais que doutrinou.

Hoje quando tanto se fala em direitos humanos, temos que reconhecer que Helena Antipoff, foi entre nós, a pioneira na defesa destes direitos.

Muitas outras pesquisas foram realizadas pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento.

Entre elas podemos citar uma destinada a conhecer ~~as~~ "Ideias e Interesses das crianças de Belo Horizonte" e foi feita através de um catalogo de livros.

Os resultados desta pesquisa, foram publicados no Boletim nº 6 da Secretaria da Educação e Saúde.

Como importante trabalho programado por D.Helena podemos lembrar as Monografias de classes.

As professoras-alunas do 2º ano, eram designadas duas a duas, para o estudo de classes de nossos grupos escolares, e preparo de uma Monografia, constando de:

- a) Composição da classe, ano escolar, número de alunos, idade, sexo, meio social;
- b) Medidas antropométricas^{tar}, desenvolvimento físico dos alunos;
- c) Acuidade visual e auditiva (exames simples para encaminhamento aos médicos especialistas em caso de suspeita de alguma deficiência)
- d) Saúde- Os médicos e enfermeiras escolares que, naquele tempo trabalhavam nas escolas, examinavam as crianças e forneciam possíveis informações às professoras-alunas ;
- e) Resultados de vários testes, especialmente de nível mental, cálculo do Q.I , comentários;
- f) Pesquisa sobre ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte;
- g) Escolaridade;
- h) Observação dos alunos nas salas de aula, recreios, merenda, aulas de canto, ginástica;
- i) Observação sobre o trabalho da professora, etc.

Os dados colhidos, devidamente estudados e organizados, formavam a Monografia de uma classe, e era entregue a D.Helena que, depois de examiná-la, encarregava as Auxiliares do Laboratório de destacar cada uma das partes para novos estudos.

As professoras-alunas recebiam orientação constante. reuniam na aplica-

ção de cada teste, interpretação de resultados, confecção de gráficos, apuração de dados estatísticos, etc.

D.Helena preparou também uma Ficha de observação do desenvolvimento mental das crianças, para uso dos psicólogos, médicos, educadores e até mesmo dos pais.

Foi no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento que a Mestra elaborou o Teste M M - Minhas Mãos, caracterizado por ela como: " um instrumento para o diagnóstico psicopedagógico individual e para o controle da ação educativa da escola " ou " uma prova para melhor conhecimento dos alunos e estudo objetivo da sua personalidade, aptidões, interesses."

A Fundação Estadual de Educação Rural - FEER, em 1975, publicou importante trabalho sobre o Teste M M.

O precioso e rico material do Laboratório de Psicologia foi levado para o Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação, depois que a Escola de Aperfeiçoamento encerrou suas atividades, e foi destruído por um incêndio.

Mas, as grandes realizações de D.Helena permaneceram.

E, é com muita saudade e reconhecimento que nós lembramos da Mestra querida e respeitada, formadora de outras mestras, mãe das crianças excepcionais, criadora de grandes obras, inspiradora de outras, que muito fez por uma Pátria onde não nasceu, mas adotou como sua e lhe deu amor, trabalho, sacrifícios.

Juana Guimarães

FOLHA DE OBSERVAÇÃO PARA AS CRIANÇAS DAS CLASSES DO 1.º ANO

(N. B.) — As respostas devem ser dadas o mais concretas possível, apoiadas pelos atos observados.

Grupo.....

Classe da Professora.....

Ano..... Tipo da classe.....

Aluno..... Data do nascimento.....

Idade Cr..... Q. I..... (Test.....)

Estado físico (por exemplo: normal; saudável, muito pálido, dores de cabeça, faltas frequentes por doença, anomalias físicas, etc.)

Estado geral (por exemplo normal; alegre, tristonho, apático, muito excitado, chora facilmente, etc...)

Motricidade (por exemplo; normal; movimentos muito lentos, marcha pouco segura, cai facilmente, ao contrário, todos os movimentos são rápidos, bem coordenados, etc...)

Habilidade manual (por exemplo: normal; geltozo; ao contrário, mãos trêmulas; deixa cair os objetos; pouca força muscular; etc...)

Linguagem (por exemplo: normal; ou pronuncia defetiva, não pronuncia certas letras, gagueja..... fala línguas estrangeiras.....) (

Visão (por exemplo; normal; ou muito míope, estrábico, enxerga mal, etc...)

Audição (por exemplo: normal; ou dureza de ouvido, etc...)

Atenção (por exemplo: normal ou tem dificuldade de concentrar-se, distrai-se por qualquer coisa; causa logo, etc...)

Compreensão (por exemplo: normal; compreensão muito rápida, ou tem muita dificuldade em compreender mesmo as coisas mais simples, etc...)

Memória (por exemplo: normal ou tem grande dificuldade de reter, esquece muito rapidamente, etc.) Revela memória acima do normal; conhece quantidade de trechos de cor. Tem memória especial para..... Tem dificuldade particular para reter.....

Letura (Grau de desenvolvimento em leitura).....

Quais são as dificuldades.....

Escrita (só sabe letras soltas, palavras, faz cópias, ditados, etc...)

Quais são as dificuldades na escrita.....

Aritmética (o que sabe fazer)

Quais são as dificuldades.....

Interesses dominantes.....

Aptidões especiais (por exemplo: não manifestou; ou revela dons especiais para desenho, modelagem, arte decorativa, música (indicar o instrumento que toca) literatura, (faz versos, escreve contos, etc); eloquência, matemática, mecânica, trabalhos manuais (quais).

Sociabilidade (por exemplo: normal; ou evita a companhia de outras crianças, se isola; muito acanhado; ou sempre briga, bate, denuncia; travêso, etc.) tem papel leader; é muito apreciado pelos colegas; ao contrário as crianças cortam-no; caçoam dele. Prefere a companhia dos meninos, das meninas, é indiferente.....

Caráter moral (por exemplo: normal; ou revela tendências para a mentira, para furtar, para a crueldade, para a impudícia, etc.) Ao contrário revela tendências altruísticas; grande franqueza em dar as opiniões, protege os fracos, revela sentimento de sacrifício etc.)

Disciplina (por exemplo: normal; ou muito indisciplinado, desobediente, arrogante com a professora; ao contrário, auxilia e mantém a disciplina, etc.)

Observações gerais sobre a criança: Data.....

Jky

A Professora de Desenho e Modelagem, a belga Jeanne Milde, muito alegre e cor-
tez com as alunas, certo dia, chegou à sala de aula pisando duro, carrancuda, vi-
sivelmente nervosa e contrariada. Sem mesmo cumprimentar a turma, foi logo dizen-
do, com seu sotaque ainda muito carregado: " eu queria que vocês fizessem um pi-
de lampi."

Ninguém entendeu o que ela "querria".

Uma colega me perguntou : Será que ela quer que a gente faça um pirilampo de
argila, um bichinho tão pequeno!

Notando que a professora estava nervosa ninguém pediu esclarecimentos. Nós
todas continuamos mexendo com a argila mas "o pi de lampi" não aparecia.

Então Mademoisells Milde pegou um bloco de argila, preparou-a e, em pouco
tempo, fez um pé de lampada ou um suporte para lampada.

Foi uma descontração geral e muitos suportes para lampada foram feitos naque-
la aula.

E nós não ficamos sabendo o que aconteceu naquele dia com Mademoiselle Milde.

JG

D. Helena costumava designar algumas professoras-alunas para a realização de experiências com cada uma das colegas.

Marieta Leite foi incumbida de uma experiência sobre cores. Ela carregava uma caixa de madeira dentro da qual se encontravam muitos lacinhos de linha, sendo dois de cada cor.

Aproveitando o intervalo do almoço, ela chamava cada dia uma colega para se submeter à experiência que consistia em encontrar os dois lacinhos da mesma cor e responder perguntas, como : qual a cor que você mais gosta, qual a cor que você não gosta, etc.

E foi Marieta Leite que fez os versos em que "Nha Maruca", que tinha vindo "se aperfeicoa", dizia:

Se a "madama pergunta
Qual a cô que você mais gosta,
Vá andando ...
Hum dê resposta.

D. Helena achou os versos muito engraçados,

Jey

O diploma conferido pela Escola de Aperfeiçoamento, não sei se todos mas pelo menos o que recebi em 1932, tinha uma redação curiosa;

"Em nome do Governo de Minas-Gerais, eu Amélia de Castro Monteiro, Diretora da Escola de Aperfeiçoamento, usando da faculdade do Decreto nº 9.653 de 30 de Agosto de 1930, confiro à Professora Imene Guimarães este Diploma de conclusão do Curso de Aperfeiçoamento com o qual gozará dos privilégios que lhe concedem as notas obtidas, arquivadas na Secretaria da Referida Escola e registradas na Secretaria da Educação e Saúde Pública."

JG

Este diploma conferido a Imene Guimarães em 30 de Agosto de 1930, foi cancelado por falta de pagamento de taxa de matrícula em 1932. O diploma foi substituído por outro conferido em 1932.

Alcides

ME01052